

## Primeira Parte

### I

— *Eh bien, mon prince. Gênes et Lucques ne sont plus que des apanages, des propriedades de la famille Buonaparte. Non, je vous prévien que si vous ne me dites pas que nous avons la guerre, si vous vous permettez encore de pallier toutes les infamies, toutes les atrocités de cet Antichrist (ma parole, j’y crois) — je ne vous connais plus, vous n’êtes plus mon ami, vous n’êtes plus mon fiel escravo, comme vous dites.* Bem, bom dia, bom dia. *Je vois que je vous fais peur\**, sente-se e conte-me.

Assim falava, em julho de 1805, a célebre Anna Pávlovna Scherer, *Fräulein* e valida da imperatriz Maria Fiódorovna, ao receber o príncipe Vassíli, importante alto funcionário, o primeiro a chegar ao seu serão. Anna Pávlovna estivera com tosse durante alguns dias, tinha *gripe*, como ela dizia (*gripe* era então uma palavra nova, usada só por raras pessoas). Nos bilhetes enviados de manhã por um laçao engalanado de libré escarlata, estava escrito para todos sem distinção:

«*Si vous n’avez rien de mieux à faire, Monsieur le comte (ou mon prince), et si la perspective de passer la soirée chez une pauvre malade ne vous effraye pas trop, je serai charmée de vous voir chez moi entre 7 et 10 heures.*

*Annette Scherer.»*<sup>†</sup>

— *Dieu, quelle virulente sortie!*<sup>‡</sup> — respondeu o príncipe que acabava de entrar, nada perturbado com semelhante receção. Vestido com o uniforme bordado da corte, de meias, sapatos e estrelas, tinha uma expressão radiante no rosto liso.

\* Ora bem, meu príncipe, Génova e Lucca já não são mais do que apanágios da família Bonaparte. Não, aviso-o de que se não me diz que vamos ter guerra, se continua a desculpar todas as infâmias, todas as atrocidades desse Anticristo (palavra que acredito nisso), já não quero conhecê-lo, e o senhor já não será meu amigo, não será o meu [...] como costuma dizer. [...] Vejo que estou a assustá-lo.

† «Se não tem nada melhor para fazer, senhor conde (ou meu príncipe), e se a perspectiva de passar o serão em casa de uma pobre doente não o assusta demasiado, ficaria encantada por recebê-lo em minha casa entre as 7 e as 10 horas. *Annette Scherer.*»

‡ Meu Deus, que ataque tão violento!

Falava naquele francês refinado em que não só falavam mas também pensavam os nossos avós, e com aquelas suaves e protetoras entoações próprias de um homem importante que envelhecera na alta sociedade e junto da corte. Aproximou-se de Anna Pávlovna, beijou-lhe a mão, expondo a sua calva perfumada e luzidia, e sentou-se calmamente no sofá.

— *Avant tout dites moi, comment vous allez, chère amie?*\* Tranquilize-me — disse ele sem mudar a voz nem o tom em que, por trás do decoro e da simpatia, transparecia a indiferença e até a zombaria.

— Como é possível ter saúde... quando se sofre moralmente? Pois será possível, quando se tem sentimentos, estar tranquila no nosso tempo? — disse Anna Pávlovna. — Vai ficar todo o serão aqui, espero?

— E a festa do embaixador inglês? Hoje é quarta-feira. Preciso de aparecer lá — disse o príncipe. — A minha filha vem cá buscar-me e leva-me.

— Eu pensava que a festa de hoje tinha sido anulada. *Je vous avoue que toutes ces fêtes et tous ces feux d'artifice commencent à devenir insipides.*†

— Se soubessem que a senhora queria, teriam anulado a festa — disse o príncipe, por hábito, como um relógio de corda, dizendo coisas em que nem ele queria que acreditassem.

— *Ne me tourmentez pas. Eh bien, qu'a-t-on décidé par rapport à la dépêche de Novosilzoff? Vous savez tout.*‡

— Como lhe direi? — disse o príncipe num tom frio e enfasiado. — *Qu'a-t-on décidé? On a décidé que Buonaparte a brûlé ses vaisseaux, et je crois que nous sommes en train de brûler les nôtres.*§

O príncipe Vassíli falava sempre com ar indolente, como um actor que diz o papel de uma comédia antiga. Anna Pávlovna Scherer, pelo contrário, apesar dos seus quarenta anos, era cheia de vivacidade e de impulsos.

Ser entusiasta tornara-se a sua posição social e por vezes, mesmo quando não queria, para não desapontar as expectativas das pessoas que a conheciam, tornava-se entusiasta. O sorriso contido que brincava constantemente no rosto de Anna Pávlovna, embora não condissesse com as suas feições decaídas, expressava, como nas crianças mimadas, a permanente consciência do seu amável defeito, do qual ela não queria, não podia e não achava necessário corrigir-se.

A meio de uma conversa sobre ações políticas, Anna Pávlovna acalorava-se.

\* Antes de mais nada, diga-me: como se sente, minha amiga?

† Confesso-lhe que todas essas festas e todos esses fogos de artifício começam a tornar-se insípidos.

‡ Não me atormente. Então, o que foi decidido acerca do despacho de Novossiltsev? O senhor sabe tudo.

§ O que decidiram? Decidiram que Buonaparte queimou os seus navios, e acho que nós estamos a queimar os nossos.

— Ah, não me fale da Áustria! Talvez eu não perceba nada, mas a Áustria nunca quis nem quer a guerra. Ela está a trair-nos. Só a Rússia deve ser a salvadora da Europa. O nosso benfeitor conhece a sua alta missão e ser-lhe-á fiel. Essa é a única coisa em que acredito. O nosso bom e maravilhoso soberano tem pela frente o maior papel no mundo, e é tão virtuoso e tão bom que Deus não o abandonará, e ele cumprirá a sua missão de esmagar a hidra da revolução que se tornou agora ainda mais terrível na figura desse assassino e celerado. Só nós devemos redimir o sangue do justo. Em quem havemos de confiar, pergunto-lhe eu?... A Inglaterra, com o seu espírito comercial, não compreende nem pode compreender toda a grandeza da alma do imperador Alexandre. Recusou-se a evacuar Malta. Quer ver, procura o sentido oculto das nossas ações. O que disseram eles a Novossiltsev? Nada. Não compreenderam, não são capazes de compreender a abnegação do nosso imperador, que não quer nada para si próprio e tudo quer para bem da paz. E o que prometeram eles? Nada. E mesmo aquilo que prometeram, não o farão! A Prússia já declarou que Bonaparte é invencível e que toda a Europa nada pode contra ele... E eu não acredito numa palavra nem de Hardenberg nem de Haugwitz. *Cette fameuse neutralité prussienne, ce n'est qu'un piège.*\* Só acredito em Deus e no elevado destino do nosso querido imperador. Ele salvará a Europa!... — De repente interrompeu-se com um sorriso de quem troçava da sua própria fogsidade.

— Eu penso — disse o príncipe Vassíli, sorrindo — que se a enviassem a si em vez do nosso amável Wintzingerode, a senhora teria conseguido o consentimento do rei da Prússia. Com a sua eloquência. Quer oferecer-me chá?

— Agora mesmo. *À propos* — acrescentou, acalmando-se de novo —, hoje vou ter cá duas pessoas muito interessantes, *le vicomte de Mortemart, il est allié aux Montmorency par les Rohans*†, uma das melhores famílias de França. É um dos bons emigrantes, dos autênticos. E depois *l'abbé Morio*, conhece essa grande inteligência? Foi recebido pelo soberano. Conhece-o?

— Ah! Terei muito gosto — disse o príncipe. — Diga-me — acrescentou como se tivesse acabado de se lembrar de alguma coisa e com especial negligência, quando na verdade aquilo que perguntava era o motivo principal da sua visita —, é verdade que *l'impératrice-mère* deseja a nomeação do barão de Funke como primeiro secretário em Viena? *C'est un pauvre sire, ce baron, à ce qu'il paraît.*‡ — O príncipe Vassíli queria que o seu filho fosse nomeado para esse lugar, que alguém estava a tentar, através da imperatriz Maria Fiódorovna, atribuir ao barão.

\* Essa famosa neutralidade prussiana não passa de uma armadilha.

† A propósito [...] o visconde de Mortemart está aliado aos Montmorency através dos Rohans [...] o abade Morio.

‡ A imperatriz-mãe [...] Esse barão é um pobre diabo, segundo parece.

Anna Pávlovna quase fechou os olhos em sinal de que nem ela, nem ninguém, podia julgar aquilo que era da vontade ou do agrado da imperatriz.

— *Monsieur le baron de Funke a été recommandé à l'impératrice-mère par sa soeur\** — disse ela apenas num tom triste e seco. No momento em que falava da imperatriz, o seu rosto apresentava uma profunda e sincera expressão de dedicação e respeito, misturada com tristeza, o que lhe acontecia sempre que numa conversa se referia à sua alta protetora. Disse que sua majestade se dignara mostrar pelo Barão de Funke *beaucoup d'estime*†, e de novo o seu olhar se nublou de tristeza.

O príncipe calou-se com indiferença. Anna Pávlovna, com a habilidade cortesã e feminina que lhe era própria e a rapidez de tato, quis dar um remoque ao príncipe por ter ousado falar assim de uma pessoa recomendada pela imperatriz, e ao mesmo tempo consolá-lo.

— *Mais à propos de votre famille* — disse ela —, sabe que a sua filha, desde que começou a aparecer, *fait les délices de tout le monde? On la trouve belle, comme le jour*‡.

O príncipe inclinou-se em sinal de respeito e reconhecimento.

— Muitas vezes penso — continuou Anna Pávlovna depois de um momento de silêncio, aproximando-se do príncipe e sorrindo-lhe ternamente, como a querer dizer com isso que as conversas políticas e mundanas tinham acabado e que agora começava a conversa cordial — muitas vezes penso como a felicidade na vida é em certos momentos injustamente repartida. Porque lhe deu o destino a si uns filhos tão simpáticos (excluindo Anatole, o mais novo, não gosto dele) — disse com ar parentório, erguendo as sobrancelhas —, uns filhos tão maravilhosos? E o senhor, na verdade, aprecia-os menos que toda a gente, e por isso não é digno deles.

E sorriu, com o seu sorriso extasiado.

— *Que voulez-vous? Lafater aurait dit que je n'ai pas la bosse de la paternité*§ — disse o príncipe.

— Deixe-se de brincadeiras. Eu queria falar consigo a sério. Sabe, estou desagradada com o seu filho mais novo. Aqui entre nós (o seu rosto assumiu uma expressão triste), falaram dele a sua majestade e tiveram pena de si...

O príncipe não respondeu, mas ela, em silêncio, olhando-o com ar significativo, esperava uma resposta. O príncipe Vassíli franziu o rosto.

— Que hei de eu fazer? — disse ele por fim. — A senhora sabe que eu fiz pela educação deles tudo o que um pai pode fazer, e ambos saíram *des imbéciles*¶. O Ippolit, ao menos, é um parvo quieto, mas o Anatole é irre-

\* O senhor barão de Funke foi recomendado à imperatriz-mãe pela irmã dela.

† Muita estima.

‡ Mas a propósito da sua família [...] faz as delícias de toda a gente. Acham-na bela como o dia.

§ Que fazer? Lafater diria que eu não tenho a bossa da paternidade.

¶ Uns imbecis.

quieto. É a única diferença — disse ele, sorrindo de um modo menos natural e mais animado que de costume, mostrando ao mesmo tempo com especial brusquidão, nas rugas que se formavam em volta da sua boca, qualquer coisa inesperadamente grosseira e desagradável.

— E porque hão de nascer filhos a pessoas como o senhor? Se o senhor não fosse pai, eu não teria nada de que o pudesse censurar — disse Anna Pávlovna, erguendo os olhos pensativamente.

— *Je suis votre* fiel escravo, *et à vous seule je puis l'avouer*. Os meus filhos — *ce sont les entraves de mon existence*. São a minha cruz. É assim que o explico a mim mesmo. *Que voulez-vous?*\* — Calou-se, exprimindo com um gesto a sua submissão ao destino cruel.

Anna Pávlovna ficou pensativa.

— Nunca pensou em casar o seu filho pródigo Anatole? Diz-se — observou ela — que as solteironas *ont la manie des mariages*. Eu ainda não sinto essa fraqueza, mas tenho uma *petite personne* que é muito infeliz com o pai, *une parente à nous, une princesse*† Bolkónskaia. — O príncipe Vassíli não respondeu, embora com a rapidez de percepção e de memória própria da gente da alta sociedade tivesse mostrado com um movimento da cabeça que tinha tomado essa informação em conta.

— Não, sabe que esse Anatole me custa quarenta mil rublos por ano — disse ele, visivelmente incapaz de conter o triste curso dos seus pensamentos. Ficou calado por um momento.

— O que acontecerá dentro de cinco anos, se isto continuar assim? *Voilà l'avantage d'être père*.‡ Essa sua princesa é rica?

— O pai é rico e avarento. Vive na aldeia. Sabe, é aquele famoso príncipe Bolkónski que se retirou ainda no tempo do falecido imperador e a quem davam a alcunha de rei da Prússia. É um homem muito inteligente, mas cheio de esquisitices e desagradável. *La pauvre petite est malheureuse, comme les pierres*.§ Tem um irmão, que se casou há pouco tempo com a Lise Meinen, e que é ajudante de Kutúzov. Ele vai estar cá hoje.

— *Ecoutez, chère Annette* — disse o príncipe, pegando subitamente na mão da sua interlocutora e puxando-a para baixo por qualquer razão. — *Arrangez-moi cette affaire et je suis votre* fiel escravo *à tout jamais* («escrafo», *comme* me escreve o meu síndico, com *f* em vez de *v*).¶ Ela é de boa família e rica. É tudo do que eu preciso.

\* Sou o seu fiel escravo, e só a si o posso confessar [...] são o fardo da minha existência. [...] Que se há de fazer?

† [...] têm a mania dos casamentos. [...] uma pequena [...] uma parente nossa, uma princesa [...]

‡ Aí está a vantagem de ser pai.

§ A pobre pequena é uma infeliz.

¶ Ouça, cara Annette [...] Arranje-me esse assunto e eu serei o seu mais fiel escravo para todo o sempre (*escrafo*. Como [...]).